

Conto

César Garciaⁱ

O TEMPO NO ESPELHO

“Se há um espelho para o espaço, deve haver também um para o tempo. Não importa que a duplicação do espaço seja falsa, ilusória. Tem, assim mesmo, grande importância. Que seria dos salões sem os espelhos? Se não existir um espelho para o tempo, que será das horas, ainda que sua duplicação seja igualmente uma ilusão? Sim, o espelho do tempo não pode ser uma impossibilidade. Ele existe. Estou seguro de que ele existe. Cheguei a esta conclusão de forma parecida à que Mendeleiev, no século XIX, concluiu que certos elementos químicos deviam existir embora ninguém os conhecesse. Não podiam deixar de existir. Mais tarde ficou provado que ele tinha razão. Assim também, a pesquisa à qual me dedico provará que podemos duplicar o tempo, bastando para isto dispor de um equipamento análogo ao espelho que temos em casa e que duplica o espaço.”

Este é um trecho da conferência apresentada pelo Professor Mendes Leiva em reunião solene da Academia de Ciências do município de S., no Ceará, em 29 de fevereiro de 1909. A propósito desta data é bom lembrar que aquele ano não foi bissexto no resto do mundo. Foi-o somente em S. por decisão da Câmara de Vereadores em consequência de um artigo publicado meses antes no jornal da cidade em que o citado cientista demonstrara a necessidade de criar-se mais um dia naquele ano já que o dia 29 daquele mês do ano anterior – 1908 – (este, sim, bissexto) praticamente não existira. O artigo era tão curto quanto convincente e o argumento central era insofismável. É que no dia 29 em questão S. devia ser invadida por um grupo de bandidos que se diziam cangaceiros enviados por

Lampião. Como a invasão fora anunciada, o prefeito determinou por decreto que toda a população saísse da cidade e deixasse suas casas de portas abertas para que os bandidos saciassem sua cobiça sem violência, sem arrombamentos. O bando, misteriosamente, não apareceu nem foi visto pelas redondezas. Ao voltarem a suas residências, as famílias encontraram tudo intacto, sem nenhum sinal nem rastro de cangaceiro. Todos os habitantes se convenceram de que realmente o dia não aconteceu, e aquele fevereiro só teve 28 dias. O próximo, portanto, devia ter 29, bissexto ou não, e foi o que ocorreu.

Voltando ao que realmente interessa, o Dr. Mendes Leiva, fundador e primeiro presidente da Academia, foi vivamente aplaudido ao concluir a exposição de sua hipótese sobre a necessária existência de um espelho do tempo. Tinha a seu favor o respeito oficial e popular a proposições anteriores, aparentemente insólitas e, no entanto, brilhantemente comprovadas. Após os aplausos, afirmou que contava com o apoio financeiro da prefeitura para a nova pesquisa que, ao contrário de outras, puramente teóricas, acarretava certos gastos com materiais raros a serem adquiridos em centros industriais mais adiantados. O prefeito, sentado a seu lado, expressou por meio de uma careta sua primeira desaprovação ao discurso do nobre cientista que, ignorando a atitude do alcaide, apresentou-lhe uma folha com o orçamento completo de seu projeto. A soma era grande para a prefeitura de S. e, nos dias seguintes, o assunto tomou conta da Câmara, dos bancos da praça, do salão de sinuca e do jornal local. A população dividiu-se: contra e a favor do financiamento do projeto. Os que eram contra, uma minoria, diziam que era impossível fabricar um espelho do tempo pela simples razão de que o tempo não para e não se pode duplicar algo que não para. A maioria a favor do projeto retrucava que seus adversários estavam aferrados à noção do espelho comum, conhecido de todos; para entender o espelho do tempo era preciso ter a mente livre de preconceitos, o que talvez fosse impossível àquela minoria rude e iletrada.

O projeto acabou sendo aprovado na Câmara Municipal com uma emenda que condicionava o apoio financeiro oficial à participação direta da população por meio de doações voluntárias. Para cada unidade monetária doada, a prefeitura aportaria outra, o que significava uma parceria público-privada meio a meio. O vigário da cidade, Pe. M., opôs-se à ideia afirmando que se os fieis já doavam pouquíssimo à paróquia, doariam ainda menos se desviassem recursos para um projeto mirabolante que desafiava as leis divinas. Após dois meses de campanha, o total arrecadado não estava longe de alcançar a meta. Assim, foi possível comprar boa parte dos materiais solicitados pelo cientista, entre os quais, dois grandes relógios de parede. Um mês depois, o Prof. Mendes Leiva anunciou a primeira

demonstração pública de seu invento. O prefeito convidou toda a população a comparecer ao salão da Academia de Ciências às nove horas da manhã do sábado imediato. Abriu a reunião com um discurso de dez minutos e passou a palavra ao Prof. Mendes Leiva. O cientista puxou um grande lençol que cobria seu equipamento montado sobre um pedestal de dois metros de altura e todos os presentes, dentro e fora do salão, alvoroçaram-se para ver a novidade. Todos esperavam ver algo desconhecido, alguma máquina estranha, nunca vista, mas, por incrível que pareça, estavam diante de dois relógios de parede de trinta centímetros de diâmetro, com mostradores brancos e números pretos, marcando nove horas e trinta minutos. O professor limitou-se a, sentado em uma cadeira diante de seu invento, olhar fixamente os dois relógios. No primeiro minuto o silêncio foi total; no segundo ouviram-se algumas tosses e limpeza de garganta; no terceiro, algumas risadas de meninos; no quarto, um arrastar de cadeiras e finalmente uma voz: cadê a novidade? Terminado o quinto minuto, metade do auditório já de pé, o cientista levantou-se e, de frente para o público, curvou-se como fazem os músicos e trapezistas de circo ao final de suas apresentações. O prefeito, com medo de uma reação violenta da turba, pediu gentilmente ao professor que explicasse um pouco o que acontecia para que todos pudessem apreciar melhor sua invenção. Mendes Leiva ajustou os óculos, arrumou os cabelos com as duas mãos e disse em tom solene:

– Excelentíssimo Senhor Prefeito de nossa querida S., demais autoridades presentes, senhoras e senhores: estamos diante de um equipamento que deverá revolucionar a vida da sociedade. Creio que agora todos já perceberam que o relógio da direita marcou o tempo convencional que pode ser conferido por quem dispõe de relógios nesta sala; no da esquerda, podemos constatar que em vez de decorridos oito minutos, decorreram apenas quatro. Como minha reflexão não se limita ao campo da engenharia mecânica, mergulhei no da filosofia e cheguei à conclusão de que nada nos obriga a seguir sempre o prosaico relógio da direita. A todo momento em que o tempo marcado pelo relógio da esquerda, cientificamente alterado por mim em suas estruturas, corresponder aos elevados interesses da sociedade, nada nos impedirá de deixar de lado o relógio tradicional e guiarmo-nos pelo meu invento. A consequência mais óbvia é que um dia passará a ter quarenta e oito horas, com vinte e quatro de luz solar e igual período de escuridão, com subperíodos de doze horas alternados.

Aproveitando um pequeno intervalo do professor para um gole de água, o prefeito perguntou se ele podia dar algum exemplo para se fazer entender com mais facilidade, ao que o mestre respondeu:

– São inúmeros, Excelência. Pense no trabalho realizado por um operário que por dezesseis horas receberá o mesmo valor que atualmente recebe por oito; na reduzida idade que as mulheres poderão declarar em resposta a perguntas inconvenientes; no dilatado tempo de aposentadoria que seus servidores serão obrigados a contar; na tranqüilidade em que poderemos viver sem a pressa que hoje nos atormenta para evitar atrasos e assim por diante. Com isto, o ritmo da vida mudará, o decorrer do tempo será outro. De certa forma, e mais concretamente do que o que acontece com o espaço nos espelhos comuns, o tempo duplicar-se-á. Haverá os espíritos curtos que dirão tratar-se de uma ilusão para enganar os bobos. Pergunto eu então por que continuamos a usar espelhos convencionais se as imagens que ali vemos são também ilusórias? Ainda que o sejam, não são portadoras de grande utilidade?

O prefeito olhou o relógio da direita. Eram dez horas e dez minutos; no outro, nove e quarenta. Coçou a cabeça, abanou o paletó e pediu silêncio ao auditório que, a esta altura, já era composto por novas caras que vieram de fora em substituição aos que saíram em busca de uma brisa. Disse sem entusiasmo – e pensando no dinheiro emprestado a alguns parentes – que o trabalho do professor era realmente revolucionário e que, ao lado daquelas vantagens, podia trazer alguns problemas, por exemplo, o tempo que os tomadores de empréstimo iam querer contar para pagar menos juros e a reação dos sindicatos diante da dilatação da jornada de trabalho. Um contra-senso sem solução: ora o relógio parecia estar bem situado à esquerda, ora não. E antes de mais nada gostaria de ouvir uma explicação mais clara sobre a relação entre o novo relógio e os espelhos.

– Vou começar pela segunda dúvida, Excelência. De forma análoga à que os espelhos de cristal duplicam os espaços, o relógio-espelho duplica o tempo. Os efeitos desse fenômeno podem ser favoráveis aos interesses de alguns e contrários aos de outros, é verdade. Conflitos haverá, admito, mas será isto alguma novidade no mundo de hoje em que impera o relógio da direita? Ademais, o fato de ser uma ilusão apenas torna meu invento mais atraente. Diria mesmo que a maioria das ideias que governam a vida social não passa de ilusão e não creio que alguém aqui discorde. No entanto, há milênios guiamos-nos por elas. Algumas, ainda que pertencentes ao terreno da ciência, eram tão ilusórias que foram abandonadas, substituídas por outras. Se na ciência isto acontece, que dizer das demais esferas do pensamento? Quanto à primeira parte de sua intervenção, Excelência, considero que hoje em dia essa questão de esquerda e direita tem muito pouco significado.

O auditório esperava uma reação do prefeito. Em vez disso, ouviu-se a voz do Coronel Nepomuceno, grande pecuarista da região, perguntando quanto o inventor queria por aquele relógio preguiçoso. Mendes Leiva respondeu:

– Não posso vender o que não me pertence, coronel, pois o projeto foi financiado por uma PPP e antes que o senhor me pergunte o que é isto digo-lhe que se trata de uma forma moderna de conseguir recursos juntando os esforços do governo e das pessoas com o nome de parceria público-privada. A expressão é muito simples: a palavra parceria é conhecida de todos os nossos agricultores; a privada, não digo que seja comum no campo, mas na cidade sim; e o público é um detalhe que só interessa aos especialistas. O fato é que o equipamento não está à venda, pertence ao município.

O coronel dirigiu-se então ao prefeito dizendo que se aquilo pertencia ao município poderia ser vendido no dia em que ele quisesse uma vez que cabia à autoridade máxima local desfazer-se de um bem de utilidade duvidosa. Ao ouvir o que considerou um insulto, o ilustre professor protestou com palavras duras e agressivas:

– Coronel Nepomuceno, com todo o respeito que lhe devo, quero lembrar-lhe que S. não é mais apenas um curral de vacas. Nossa produção intelectual não tem parado de crescer em diversos ramos do conhecimento humano e isto pode espantar espíritos atrasados vindos do interior do município. Desse modo, o senhor poderia ao menos dizer por que razão pretende adquirir meu invento que, como já ficou dito, é propriedade pública municipal.

O coronel levantou-se exibindo uma expressão grave em seu rosto e pedindo a atenção de todos, pois não pretendia alongar sua participação naquele debate que considerava perda de tempo, e deu ênfase à parte final:

– Senhor Prefeito, ilustre Professor, minhas senhoras e meus senhores: minha insistência em comprar o relógio-espelho aqui exposto é muito simples. É que pretendo fundar, dentro de pouco tempo, em nossa cidade, um museu da loucura ao qual darei o nome de Mendes Leiva em homenagem ao insigne cientista aqui presente. Venho guardando em meus arquivos, há dez anos, documentos, objetos, laudos médicos e jornais com resultados de eleições que farão parte do acervo desse museu. Acredito que, no futuro, quando o costume moderno do turismo chegar a estas plagas, uma das principais atrações deste lugar perdido nos sertões do Ceará, será sem dúvida o Museu Mendes Leiva, especializado em preservar a triste história da loucura em nossa população que, como todos sabem, às vezes registra casos nada tristes, pelo contrário, inesquecivelmente hilariantes. Estamos justamente diante de um desses, o maior de todos, o mais bizarro, o que lhe

garante um lugar de destaque no tal acervo. E para que fique clara minha boa intenção, caso o relógio-espelho passe às minhas mãos, pagarei por ele o mesmo valor que foi gasto em sua fabricação e comprometo-me a financiar diretamente futuros inventos do Professor Leiva desde que mereçam acolhimento na instituição a ser criada.

Talvez por causa do tom solene da fala do coronel e pela dificuldade de compreender o significado de certas palavras, ou ainda pelo adiantado da hora e o calor insuportável que fazia, alguém no auditório puxou as palmas e todos os demais acompanharam numa verdadeira ovação. O professor ficou impávido e o prefeito hesitou por alguns segundos. Vendo este que a palavra estava com ele, arriscou uma decisão sem a certeza do êxito, afirmando que neste caso venderia o relógio-espelho ao coronel. O aplauso foi ainda maior porque então as pessoas que estavam fora do recinto, ouvindo as palmas anteriores, entraram e ajudaram a aprovar por aclamação a decisão do prefeito. O Coronel Nepomuceno pagou em dinheiro o valor comprovado pelo professor e recebeu das mãos da autoridade seu relógio-espelho prometendo guardá-lo em perfeitas condições de conservação até que o museu da loucura abrisse suas portas.

FIM

ⁱ CÉSAR **GARCIA**, nascido em Fortaleza, radicado no Recife, publicou três livros de contos. PACTO, em 2005; CARTAS DE VENEZA, em 2008; e BREVE INSTANTE, em 2010. Tem um conto (O CANTO DA FREIRA) publicado em antologia editada pela Livraria Asabeça, de São Paulo, em 2008, selecionado entre mais de mil concorrentes; três contos incluídos no livro ESCRITURAS, publicado pelo Traço Freudiano Veredas Lacanianas (Recife), em 2009; vários contos publicados em sites da Internet (ex. GERMINA LITERATURA. com); conto publicado em antologia editada pela editora ANDROSS, de São Paulo, em 2011. Mantém um blog literário no endereço www.cesaradi.blog.uol.com.br